NOVELLAE OLIVARUM



ANO X / FÉRIAS DE VERÃO / N.os 96-97

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO MAURÍCIO
Redactores — FERNANDO CAMPOS
— JOÃO PERESTRELLO
Proprietário e Editor — INÁCIO VIEGAS
Administrador — MANUEL HEITOR

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

O valor humano do artista cristão — A. Jorge 121

A propósito de bibliotecas . . . — C. V. 128

O êxito de Pascal — Abílio Tavares 131

Oblação 135

O «Russicum» — X. 140

Crónica — A. Jorge 142

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — **Rua do Ouro, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas — Castiçais — Lâmpadas — Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

Livraria e Papelaria Moderna — **Machado & Ribeiro, L.da** — **Livraria Católica Portuense**

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 16$00 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00—Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 16$00

Material escolar — Peçam catálogos indicando o género de livros

O valor humano do artista cristão

Não falta por aí quem acuse o Cristianismo de inutilizar para a vida natural, admiráveis temperamentos, esperanças vivas para este mundo. Em resumo, o Cristianismo desviriliza o homem. Nietzsche até escreveu que nunca perdoaria ao Cristianismo o ter destruído homens como Pascal...

Este preconceito está muito generalizado e vou analisá-lo num ponto muito debatido, mesmo no nosso País: *o valor humano do escritor cristão*. O problema é o seguinte: pelo próprio facto de ser cristão, o artista será incapaz de criar uma verdadeira obra de arte, de real valor humano?

Não é raro ver um crítico a lamentar que determinado autor seja cristão, o que não permite o rendimento pleno das possibilidades que deixa adivinhar através de uma obra limitada por uma visão católica dos problemas humanos. Esses críticos compreendem mal a insersão, na visão humana, da visão cristã. Consideram-na um atentado contra a liberdade soberana da arte, a arte que querem ver liberta de todas as peias e constrangimentos.

*
* *

A capacidade artística em si mesmo considerada, é um dom inato que não se adquire pelo exercício. Existe em todos e em cada um de nós mas só se torna perceptível nos artistas, que sentem a vida de uma maneira nova, mais intensa e mais lúcida.

O artista é um temperamento privilegiado que vê mais que os outros, que sente mais que os outros, um temperamento que em intuições felizes consegue atingir a verdade íntima das coisas. Por isso se diz que a arte é uma janela aberta para o outro mundo, enquanto nos torna sensíveis a um mistério, o mistério da vida que jaz no mais íntimo dos seres. Toda a arte vem do mistério da vida, sobretudo da própria vida do artista, do seu próprio conflito.

O que antes de mais nada se impõe ao artista, dentro de si mesmo, é o seu problema, o desequilíbrio entre o corpo e o espírito, a incapacidade de dar realização a todos os sonhos e a verificação triste dos seus limites.

É esta precisamente a condição humana: a de criatura, obra do Criador que lhe deu a vida e a mantém na existência. Não reconhecer estes limites é orgulho. Em Deus é que está a base do problema do homem. Por isso a melhor poesia nasce da posição tomada perante Deus. Grandes poetas são apenas os que se analisaram à luz do problema de Deus, quer tenham concluído pela revolta ou pela submissão humilde.

Ainda que seja poesia de revolta, nós podemos ter arte verdadeira, simplesmente teremos arte limitada, porque é arte contra a verdade e contra a vida e não há nada nem ninguém com direitos contra a vida. Neste caso são parcelas de beleza e de verdade que, consideradas em si mesmas, são participação da Beleza e da Bondade eternas, mas que só se realizarão plenamente na harmonia total do conjunto.

Temos o exemplo dos grandes poetas modernistas. Exprimem magnìficamente o desejo selvagem de viver. Conseguem fixar a angústia que lhes vai na alma com uma vibração inexcedível, mas não *viveram* a vida, porque não quiseram ver mais nada para além de si mesmos.

«É essa a única missão do mundo,
Essa — existir claramente,
E saber fazê-lo sem pensar nisso!» (1)

Estes versos admiráveis de Fernando Pessoa são todo um programa de vida, mas vida que não leva a nenhuma parte. Experimenta-se tudo, trilham-se todos os caminhos:

«Multipliquei-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo.
Transbordei, não fiz senão extravazar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente».

«Experimentei mais sensações do que todas as sensações que senti
Porque, por mais que sentisse, sempre me faltou que sentir,
E a vida sempre me doeu, sempre foi pouco, e eu *infeliz*».

«Vi todas as coisas, e maravilhei-me de tudo,
Mas tudo, ou sobrou ou foi pouco, não sei qual! E eu sofri».

«Seja como for, era melhor não ter nascido!»

«A vida...
Branco ou tinto, é o mesmo: *é para vomitar*» (2).

Apresento um dos maiores, senão o maior de todos os poetas modernistas. Correu todos os caminhos e terminou vencido, como terminam todos os que fazem da arte uma razão de viver.

A arte é um meio, um meio admirável, sem dúvida, mas um simples meio, pelo que nunca deve ser tomada por um fim. A «arte pela arte» é um crime, por desviar do Fim legítimo o que não passa de um meio, e é uma desculpa para justificar a vontade fraca que renuncia à luta e a prefere à vitória. Este perigo é ainda mais intenso nos artistas de que falei, porque entendem que se trata para eles de uma questão de vida ou de morte: resolvido o problema desapareceria o motivo da sua arte, que eles prezam acima de todos os valores.

Para não sacrificarem a Deus, à verdade, à consciência, sacrificam às regras da escola, aos gostos discutíveis de um público mal formado, às aberrações da própria sensibilidade.

*
* *

Há na arte qualquer coisa de instintivo e de arrebatador que num ápice consegue atingir-nos no mais íntimo de nós mesmo. Mas com o ser instintivo nunca é superficial, porque não é à sensibilidade que vamos buscar a origem última da emoção estética. Em presença de uma obra de arte, nós procuramos o deleite do homem total. Não procuramos um narcótico que nos imobilize por instantes, mas sim qualquer coisa que nos enriqueça para a vida.

Em concreto, o Belo só é capaz de deleitar o homem total, embora para isso e antes disso ele impressione a sensibilidade. A emoção não é o fim último da obra, esta é que visa o deleite da inteligência através da emoção. A inteligência é o termo último da emoção estética.

Toda a verdadeira obra de arte exige correcção e esforço. A «involuntariedade» da arte existe apenas em relação à sensibilidade, e a inte-

ligência do artista ver-se-á na necessidade de controlar o que lhe parecer menos correcto.

Não podemos imaginar que Camões nunca tenha corrigido as suas oitavas e redondilhas, ou que a planta de uma Catedral medieva tenha saído íntegra e completa das mãos do arquitecto. A facilidade de agir não dá automàticamente a rectidão no agir. O vigor físico pode levar a atitudes lamentáveis. O admirável sentido que é a vista pode muito bem ser usado para o mal... Por isso se diz que o temperamento artístico é uma espada de dois gumes. Quem tem o sentido estético e possui ao mesmo tempo uma consciência bem formada, pode cuidar, pura e simplesmente, em produzir obras belas, porque terá sempre, mesmo que não dê por tal, uma consciência esclarecida a controlar-lhe os possíveis excessos da sensibilidade.

*

* *

Isto não é desconhecer o valor humano da arte. A arte é uma nobre actividade humana, portanto no seu campo conserva o valor ilimitado de meio admirável de elevação da criatura.

A obra de arte cristã não pode ser apenas obra cristã, tem de ser também obra de arte, e portanto deverá ser também uma abertura sobre o outro mundo, deverá sugerir-nos beleza. Mas quando estiver artìsticamente perfeita, por que razão não há-de considerar-se também uma obra artística? Quando o romancista cristão não violentar as suas criações para concluir «demasiado cristãmente», porque não será o seu livro uma boa obra literária?

«Não é a paixão que vicia a obra de arte, mas sim a vontade de provar» — é o testemunho insuspeito do escritor André Malraux.

E quando a obra estiver artìsticamente perfeita, será duplamente valiosa se tiver ardor na mensagem que quiser comunicar-nos, valerá como documento artístico e como documento vital. Sim, tem de valer antes como documento artístico... Ao escritor cristão não se pede Literatura de edificação, pede-se simplesmente boa Literatura.

«Arte cristã» é a arte embebida nos princípios do Cristianismo, Cristianismo que lhe está no sangue, a informar tudo, a mentalidade e o ambiente. E para ser cristã tem de ser verdadeira antes de mais nada. É tudo o que há de mais contrário à visão católica o retraimento perante a verdade total da existência.

*
* *

Mas a matéria do artista vem-lhe da própria luta, as suas criações vêm-lhe da própria carne. Todos os romancistas são unânimes em afirmar que até certo ponto, todos os personagens dos seus romances são seus filhos. Os artistas como que comungam na vida e no destino das suas criações. Mas por isso eles incorrem no perigo da complacência nas próprias faltas. Em todos nós é bem vincada a tendência para encobrir as próprias faltas... e quando o não conseguimos é fácil cair na inversão de valores que as justifique. «Quando se não vive como se pensa é fácil acabar por pensar como se vive»...

Aqui reside a grande dificuldade da arte cristã. «Não me digam que a arte cristã é impossível. Digam antes que ela é difícil, e duplamente difícil, ou antes, difícil ao quadrado, porque é difícil ser um artista e é difícil ser um cristão, e porque a dificuldade total não é apenas a soma, mas o produto de ambas as dificuldades multiplicadas uma pela outra, porque se trata de acalmar dois absolutos» (3). É difícil ser um cristão que se esforce por realizar as máximas do Cristianismo e é difícil ser um artista que não condescenda com exigências discutíveis. É preciso pôr em harmonia as duas exigências, na luta do homem consigo mesmo, tentando permanecer fiel ao que há em si de mais alto, sem se deixar escravizar ao gosto, tendências e desejos de um público pouco escrupuloso, sem colocar a técnica acima da vida, o verniz superficial acima da verdade intrínseca, o acidente acima da substância.

François Mauriac tem uma frase genial que encerra em toda a extensão o problema da arte e do católico. Referindo-se a esta sujeição do escritor aos temas que se lhe deparam, ele exclama: «Não escrevemos o livro que queremos, mas infelizmente escrevemos o livro de que somos dignos!» (4). A meu ver, há uma distinção da Escolástica que dá a explicação total do desabafo de Mauriac: é a conhecida distinção entre causa principal e causa instrumental. Esta só age movida pela causa principal, mas a obra é inteiramente sua como é da causa principal. Também no artista a quem primàriamente pertence a obra é à sua capacidade estética, mas como esta é inseparável do homem total, é a este que se atribui a obra. Esta pertence à capacidade artística do autor, mas também se atribui à alma, sede dessa capacidade artística.

Não se estranhe, portanto, o conselho singular de Jacques Maritain aos artistas cristãos: «Sejam cristãos, e quando agirem, apliquem à obra o sentido estético. Não tentem a empresa absurda de dissociarro artista e o cristão. Eles farão um só, se forem verdadeiramente cristãos e a arte não estiver isolada da sua alma por algum sistema estético. Que não separem a arte da Fé, mas que distingam o que em si mesmo é distinto. Se fizerem da Estética um artigo de Fé, hão-de falsear a Fé. Se fizerem da devoção uma norma de agir, hão-de falsear a arte» (5).

Portanto a arte cristã terá de ser o efeito da coerência interna realizada na alma do artista. E a ausência de ervas daninhas que diminnuem a obra deve apresentar-se-lhe como uma exigência da sua consciência bem formada.

A visão católica não é um véu a encobrir a realidade, mas sim produto de uma mentalidade católica informada numa vida católica.

O Cristianismo não destroi a natureza humana, cumula-lhe todos os vazios, soluciona-lhe todos os problemas e satisfaz-lhe todos os anseios nobres. O cristão é deste mundo, está neste mundo, sente as necessidades orgânicas e intelectuais de todo o habitante do planeta.

A vida da graça não impede a cumulação legítima destas necessidades, exige até que elas funcionem rectamente. O homem é corpo e espírito, e a graça não vem destruir as legítimas necessidades do espírito.

*
* *

Pascal distinguiu três ordens no nosso mundo: a ordem da caridade, a ordem do pensamento e a ordem dos corpos. A ordem da caridade está infinitamente acima de toda a manifestação natural, mas a ordem da inteligência também conserva o seu valor próprio, e no seu campo encerra potencialidades admiráveis. Nas coisas naturais apenas se exige a coerência e a dignidade naturais.

O Cristianismo não aniquila a emoção estética nem desvia o homem para um campo situado fora do humano. A visão católica é a visão do homem que é católico, não são uns óculos deformativos que lhe impeçam uma visão justa do nosso mundo.

A ordem natural como a sobrenatural vêm da mesma origem, pelo que não podem estar em contradição. O que pode muito bem não existir

nas criaturas é a legítima subordinação de valores; e muitas vezes, em nome de valores naturais sãos, se guerreiam valores superiores...

Neste ponto teríamos de dizer que há limitação dos valores naturais, e não que haja negação de valores naturais.

O edifício cristão exige alicerces sólidos de formação humana. Tudo o que é bom humanamente falando não é por isso mesmo cristão, mas prepara para o Cristianismo, dando-lhe uma base natural sã. Toda a obra que esteja a contribuir para uma mentalidade sã, está implìcitamente ao serviço do sobrenatural.

É preciso distinguir os campos. Mas distinguir não é opor.

A. JORGE

---

(1) ALBERTO CAEIRO — «Poesias», Ed. Ática, Lisboa, pág. 56.
(2) ÁLVARO DE CAMPOS — «Poesias», Ed. Ática, Lisboa, págs. 221, 215, 218 e 314.
(3) JACQUES MARITAIN — «Art et Scholastique», L. Rouart, Paris, pág. 113, 1935.
(4) FRANÇOIS MAURIAC — «Dieu et Mammon», pág. 167, Paris, 1930.
(5) JACQUES MARITAIN — ob. cit., págs. 115-116.

«O cristão deve pensar à luz da fé; o cristão deve pensar com toda a sua razão de homem.»

(Cardeal Suhard)

«A Literatura Católica deve estar aberta a tudo o que possuir um íntimo e real valor humano.»

(Gabriel Marcel)

A propósito de bibliotecas...

Uma biblioteca é hoje em dia elemento quase imprescindível no apostolado, sobretudo quando este se exerce entre os povos. Com efeito, se o gosto pela leitura não está ainda inteiramente generalizado, devemos reconhecer que ele se firma dia a dia, e que não pode ser indiferente para nós que outros tomem, neste campo, as posições que deveriamos ocupar.

O estudante, o aprendiz, o jovem empregado, gostam de ler. Os seus poucos recursos não lhes facilitam a aquisição de livros bons e adequados à sua idade, que aliás não sabem escolher, mas os alfarrabistas, os vendedores ambulantes, a própria «Feira do Livro», põem ao seu alcance, a preço ínfimo, uma profusão de volumes, na sua maioria sem valor literário e na sua quase totalidade inconvenientes sob o ponto de vista moral. Se lhes acrescentarmos as revistas em segunda mão, que com facilidade podem adquirir e permutar e que, abundantemente ilustradas, falam melhor ainda do que o livro, à sua imaginação e à sua sensibilidade, vemos que o adolescente, entregue a si próprio ou à pseudo-orientação dos mais velhos, não encontra na leitura, salvo raríssimas excepções, aquela possibilidade de cultura, de formação e de recreio honesto, que ela lhes deveria fornecer.

Um contacto de quase dez anos com jovens de um meio popular tem-nos permitido constatar como uma pequena biblioteca — integrada aliás num conjunto de actividades educativas — tem influenciado no bom sentido dezenas de rapazes e raparigas, despertando e firmando neles o gosto pela leitura, criando-lhes possibilidades de discernir entre o bom e o mau e exercendo, através do empréstimo a domicílio, uma influência salutar nas suas próprias famílias.

O nosso mercado de livros não facilita este género de trabalho. Hoje, não basta dizer a um rapaz ou a uma rapariga «Não leias esse livro!», é preciso sugerir-lhe um outro título e pôr-lhe entre mãos uma obra, capaz de o interessar igualmente, e em que ele possa reconhecer supe-

rioridade. Ora, aparte uma ou outra tentativa de interesse, que constituem honrosas excepções, nós não dispomos de livros de divulgação, de biografias, nem mesmo de romances — sobretudo policiais e de aventuras — que bastem para manter o ritmo habitual de uma biblioteca deste género.

Com efeito, é preciso ter em conta o baixo nível cultural da maioria dos leitores, que lhes não permite o acesso a certas obras e que é largamente prejudicado pelas más traduções e pelo excesso de traduções, pondo constantemente em foco, mesmo através de livros bons, maneiras de ser e de viver que se não coadunam ainda — e felizmente! — com as nossas, sobretudo nos meios populares.

Mesmo assim, e não obstante as dificuldades que apontamos, parece-nos que vale a pena lançarmo-nos na luta e utilizarmos a biblioteca como arma, sobretudo onde quer que se pretenda fixar ou captar jovens!

Como organizá-la, porém? Como fazer dela um elemento de educação e de formação eficaz?

Eis o que passamos a expor.

Instalações — É sempre útil que as instalações da biblioteca permitam a existência de uma sala de leitura. Isto envolve, é certo, um dispêndio de tempo, que a simples entrega de livros a horas fixas não traz, mas, por outro lado tem vantagens apreciáveis, como um conhecimento mais profundo dos leitores e a possibilidade de os educar no respeito pelo livro e por determinadas regras de higiene relacionadas com a leitura, não falando já do seu afastamento de certos lugares de convívio.

Para isso, é preciso porém que a sala de leitura seja em local fàcilmente acessível e que reuna, além de condições de higiene suficientes, possibilidades de silêncio e aquele mínimo de conforto e bom gosto, compatível com os orçamentos mais modestos.

Organização — Numa biblioteca não interessa apenas ter bons livros, mas valorizá-los por uma organização adequada. Assim, embora seja normal começar por poucos volumes, devemos ter em conta que a biblioteca tende a desenvolver-se e que é conveniente procurar-lhe logo de início uma estrutura firme, que permita acompanhar o seu crescimento, sem necessidade de constantes remodelações.

O sistema decimal, não obstante certos inconvenientes que podem apontar-se-lhe, afigura-se-nos ainda o melhor de todos.

Neste capítulo deverá ter-se em conta também o sistema de ficheiros a adoptar e a preparação do livro, não apenas para seu resguardo, mas também para sua fácil localização na biblioteca e fora dela, quando em empréstimo.

Os interessados neste assunto lerão com proveito, entre muitas outras obras, «Biblioteconomia» pelo Sr. Joaquim Costa (Ed. Tavares Martins) e «Bibliothèques de Jeunes», por Lucette Massaloux e outros (Éditions du Seuil).

Funcionamento — O horário da biblioteca é uma das suas condições de êxito. Importa pois não o descurar, estabelecendo-o de acordo com o tempo livre dos leitores, ou das diferentes categorias de leitores.

Interessa também, em face das possibilidades do meio, fixar (embora com certa maleabilidade) as condições de utilização dos livros; tempo de empréstimo, importância a pagar por cada livro, multas, etc.

A cota a pagar pelo empréstimo é hoje vulgarmente fixada em proporção do valor do livro (em regra 10%). Este critério não nos parece porém adequado ao tipo de biblioteca que nos interessa, pois induz o leitor a escolher muitas vezes em função do preço e não do valor da obra. Será portanto preferível fixar uma importância igual para todos os empréstimos, ou pelo menos para determinadas classes de leitores, por exemplo, segundo as idades.

Concluindo, devemos dizer que o êxito e o rendimento educativo de uma biblioteca depende de uma forma muito especial do bibliotecário. Ele deve conhecer os livros e os leitores e saber portanto o que convém a cada um, não apenas de uma forma geral, mas ter como que a intuição do que lhe pode ser útil em determinado momento. Deve estimular e orientar o gosto dos frequentadores da biblioteca, formar o seu sentido crítico, trocando impressões com eles sobre as obras lidas.

A sua acção, quando bem orientada, permitir-lhe-á exercer portanto larga influência, mesmo entre pessoas que muitas vezes não seriam atingidas de outro modo, fazendo assim do livro um instrumento de aproximação. De resto, o seu contacto aturado com um grande número de pessoas deverá permitir-lhe trazer aos dirigentes de obras paroquiais informações concretas sobre a psicologia do meio, sobre as suas necessidades e aspirações, tantas vezes desconhecidas.

C. V.

O êxito de Pascal

Pascal escreveu pouco. No entanto os pensadores de hoje sentem-se irresistìvelmente atraídos por esse homem singular, que além das suas invenções no campo científico, essas geniais, deixou apenas uns escritos satíricos de divulgação e alguns fragmentos dispersos e desconexos duma obra em projecto, a que não chegou sequer a delinear o plano definitivo. É incontestável que Pascal domina toda a moderna filosofia espiritualista, e que, a doutrina dos «Pensées» influencia profundamente a mentalidade cristã dos nossos dias.

Onde residirá o encanto, o atractivo, a magia sedutora dos «Pensées» para que estes apontamentos breves e desordenados de tal maneira impressionem e influenciem quem os lê, estuda e medita?

É o que vou tentar esclarecer.

É intenção inicial de Pascal no que respeita à filosofia sobre o homem, encarar todos os aspectos, todas as realidades da vida humana, dando-lhes adequada explicação. Intenta atingir o homem todo, analisá-lo e explicá-lo todo duma maneira clara, exacta, completa e sobretudo convincente. E aqui começa a mostrar-se Pascal. O Filósofo é levado desde o princípio por um intuito de conquista. Não se limita apenas a chegar a conclusões suficientes para satisfazer a sua inteligência ou mesmo a de um escol intelectual, como sucede com a maioria dos filósofos. Intenta chegar ao vulgo, tornar-se acessível ao comum dos homens, convencer o «libertino».

E para quê? Para uma mera satisfação dum desejo, aliás natural e legítimo da parte de quem se julga na verdade, de um apoio universal e indiscutível? Não. Mas para que os homens, todos os homens vivam, de harmonia com o ideal verdadeiro, observem na prática o que lhes dita a inteligência. Preocupa-o que a sua argumentação não tenha uma eficiência meramente intelectual mas sobretudo moral. É um iluminado, um conquistador; quer vencer os homens pela lógica irresistível e viva

dos seus argumentos no intuito de eficazmente os conduzir a uma prática, a uma vida.

Como conseguir essa conversão do homem, essa rendição interior da inteligência e da vontade? Como impressionar eficazmente o libertino, fazendo-o cair em si, mudar de vida?

Como todos os modernos descrê dos resultados do logicismo cru, da silogística fria, para no campo religioso e moral, o que principalmente lhe interessa, fazer chegar os homens a uma prática. Convém notar que Pascal não é um céptico, não nega as reais possibilidades da razão especulativa, dos raciocínios puramente intelectuais, para chegar à verdade; apenas os julga estéreis quanto a efeitos morais, ineficazes para que os homens realizem na vida essa verdade. E é isso que Pascal tem em vista: intenta a conversão completa no campo moral e religioso, do «libertino» despreocupado, de vida fácil, superficial, difícil de impressionar. Para estes não bastam, pelo menos para o primeiro passo, as provas racionais, históricas, exteriores, as quais, não obstante Pascal menciona, reconhecendo-lhes força provativa teórica.

Interessa encontrar um processo mais eficiente, ou pelo menos enriquecer o método tradicional com certos elementos que na prática o tornem mais eficaz. Porque não basta satisfazer a inteligência, é necessário aliciar a vontade: o homem todo tem de ser solicitado.

Pelas provas racionais, exteriores, o homem capacita-se da estabilidade dos fundamentos da religião a que adere, e essa consciência da lógica externa da sua atitude, dá firmeza inabalável à sua adesão. Mas o primeiro passo? o solicitar a atenção? o despertar o interesse pelo estudo? E depois da adesão como conseguir uma convicção que informe a vida, conquiste definitivamente a vontade, se traduza em acção? O puro trabalho da razão é insuficiente pelo menos para dispor e confirmar. Diz Pascal: «a razão age com lentidão e com tantas vistas sobre tantos princípios, os quais sempre devem estar presentes, que agora e logo ela dormita ou se extravia, por não ter presentes os seus princípios. O sentimento não opera assim: opera num instante e sempre está pronto a operar. Como pôr a fé no sentimento? foi o problema que se pôs a Pascal.

Apesar da riqueza de provas exteriores de que dispõe a Região Católica, os homens continuam indiferentes, despreocupados, estupidamente felizes e tranquilos. É preciso despertá-los, fazê-los tomar consciência do drama em que, quer queiram quer não, desempenham um papel depen-

dendo exclusivamente de cada um o sucesso ou tragédia finais. Como resolver tão angustiante problema?

Pascal entra no homem, e mostra ao homem o que ele é. Pascal penetra no interior da humanidade, observa o homem, estuda-o com amor, sinceridade e clarividência. Não se limita a uma análise fria, exterior, puramente intelectual mas remexe no mais íntimo da alma humana onde a sua sensibilidade finíssima consegue perceber os mínimos movimentos, aspirações, desejos vincados na humanidade. E é isso que apresenta ao homem: a sua grandeza e a sua pequenez, a elevação primitiva da sua natureza e a sua miséria actual, as suas possibilidades e as suas fraquezas; e isto apresenta-o Pascal sobretudo com lucidez inegualável e chocante sinceridade. É por isso que Pascal seduzirá sempre os espíritos rectos: porque é sincero e cada palavra de Pascal é um pedaço de si mesmo.

A sinceridade aproxima os homens, é mesmo a condição base de todas as nobres relações que os podem unir.

Compreensivo, tolerante, conhece os nobres anseios e os baixos convites. É o primeiro moderno que plenamente compreendeu que ignorar, não tomar em conta uma tendência inacta, natural, inegável é um crime contra o homem. O seu amor e apoio à Igreja de Cristo, nasceu precisamente do facto de esta reconhecer, aceitar, explicar e solucionar o homem tal qual ele é com o que tem de naturalmente bom e de naturalmente mau. Explica Pascal: «Poder-se-á não ter apreço por uma religião que tão bem conhece os defeitos do homem, o desejo pela verdade duma religião que lhe promete remédios tão apropriados?» «Para que uma religião seja verdadeira é preciso que conheça a nossa natureza. Deve conhecer a grandeza e a pequenez e a razão de uma e de outra. Quem o conheceu além da Cristã?» A Religião Cristã é a única que entrando dentro do homem, o explica e o soluciona. Pascal será sempre bem recebido porque parte de dados interiores, inegáveis, que qualquer homem sincero que se observe pode verificar em si. Quem lê Pascal encontra nos «Pensées» a expressão exacta do seu problema humano, e ao deparar consigo mesmo sente-se rendido perante essa lógica que assenta em realidades interiores, inegàvelmente suas. Pascal oferece a quem o medita a chave que resolve o enigma número um da sua vida: ele mesmo. Conhece-se em Pascal, descobre-se em Pascal e este conhecimento de si é-lhe imensamente proveitoso porque «quando isso não servisse para en-

contrar a verdade, serviria ao menos para regular a vida e não há nada de mais importante».

Pascal encontrou a melhor maneira de chegar à verdade, de a abraçar, de a viver: todos os problemas se resolvem e desenvolvem a partir do homem e do seu interior: a moral, a religião, Deus. É a partir daquilo que o homem pode encontrar em si que Pascal constroi a sua apologética.

Pascal desdobrou as pregas mais escondidas da alma humana, não podia deixar de deparar com o cruciante problema de Deus. Descobriu Deus no enigma do homem: «Se o homem não é feito para Deus porque não é ele feliz senão em Deus? Se o homem é feito para Deus porque é ele tão contrário a Deus?»

Só com Deus se soluciona este enigma. Deus completa o homem que sem Deus é uma perfeita contradição.

Pascal faz com que o homem se contemple a si mesmo e deduza na inteligência e na vida. É um ídolo dos modernos porque mais do que nunca se sente hoje a necessidade de tomar a vida a sério, de criar harmonia entre o que se pensa e o que se vive, de fazer unidade perfeita, de viver e de viver tudo. Pascal oferece aos que são sinceros e lúcidos o segredo do refúgio numa vida informada por um grande ideal: o de Deus que nos criou para Si.

Seduzem os escritos, seduz a figura de Pascal. Foi um homem que soube viver e daí o conhecer tão bem os homens e a vida.

Pascal sofreu muito, mas em todos os aspectos o sofrimento lhe foi providencialmente útil. Porque sofreu soube conhecer-se, visto que é no sofrimento que o homem melhor se conhece. Conheceu-se e conheceu os outros. Poderia dizer como uma figura de José Régio: «Pois em quem melhor observei o que aprendi dos homens senão em mim mesmo?»

Porque sofreu ainda, foi Pascal um homem de Deus. Na verdade é sobretudo quando sofre que o homem se lembra de Deus.

Pascal é uma fonte de verdade e de vida. Para os que o conhecem é estímulo poderosíssimo. Para os que o seguem é caminho para uma vida em Deus.

ABÍLIO TAVARES

Oblação

do Curso de Teologia de 1948-1952

SOLISTA — Senhor Deus, Pai omnipotente,
Princípio sem princípio,
Criador do Céu e da Terra,
Providência e fim
Dos seres sem vida,
Das plantas e animais
E, sobre todos, do homem
Feito à Vossa imagem...

TODOS — *Nós Vos adoramos!*

SOLISTA — Senhor Deus, Filho unigénito,
Luz de luz e resplendor do Pai,
Sabedoria eterna, Mestre de Verdade,
Verbo... exemplar primeiro de toda a perfeição...

TODOS — *Nós Vos adoramos!*

SOLISTA — Senhor Deus, Espírito Santo,
Amor substancial, amor fecundo,
Santificador dos corações,
Fonte de todo o bem...

TODOS — *Nós Vos adoramos!*

SOLISTA — Senhor Jesus, Verbo eterno
Segundo a vontade do Pai
Gerado no puro seio da Virgem
Por obra do Espírito divino...
Deus e homem verdadeiro,
Sacerdote e Hóstia...

TODOS — *Nós Vos adoramos!*

SOLISTA — Após longas noites de oração,
Longos colóquios com o Pai,
No silêncio das montanhas,
Escolhestes os Apóstolos...

TODOS — *Mensageiros da Verdade,*
Mensageiros do Amor!

SOLISTA — Pensastes, nessas horas de vigília,
Nos que havíeis de chamar,
Pelos séculos além,
A continuar a mesma obra,

TODOS — *A salvação do mundo.*

SOLISTA — No cultivo da vinha,
Nos cuidados do rebanho,
Na sementeira das almas,
Estabelecestes a hierarquia,

TODOS — *A governar e defender a Vossa Igreja.*

SOLISTA — E olhastes para nós, também,
A quem quisestes fazer
Prolongamentos dos Vossos Bispos
Onde não chegam as suas mãos sagradas...
Arautos dos Vossos Bispos
Onde não se faz ouvir a sua voz...
Cooperadores do seu ministério
Na Redenção dos homens.

TODOS *Graças Vos damos, Senhor!*

SOLISTA Eis-nos, como Pedro,
Dispostos a deixar tudo
Para Vos amarmos.

TODOS *Para Vós o nosso ser!*

SOLISTA Para Vos servirmos.

TODOS *Para Vós as nossas forças!*

SOLISTA Para Vos glorificarmos.

TODOS *Para Vós a nossa vida!!!*

SOLISTA O presente e o futuro

TODOS *Sejam para Vós!*

SOLISTA A luz da inteligência
Que em nós acendestes...
A energia da vontade
De que nos dotastes...
A veemência dos afectos
Com que nos enriquecestes...
As nossas qualidades e virtudes,
Os nossos desejos e esforços
E as nossas faltas, Senhor.

TODOS *Sejam para Vós!!*

SOLISTA No pão e vinho
Que dentro de momentos
O sacerdote levanta
À Santíssima Trindade

TODOS *Eis-nos, Senhor.*

SOLISTA — Por Vós e convosco,
Hóstia Infinitamente Santa,

TODOS — *Seremos aceites.*

SOLISTA — Que a nossa oferta chegue a Vós
Pela intercessão da Virgem nossa Mãe
Que junto de Vós, em corpo e alma,
Reina sobre os anjos e santos...

TODOS — *Para Vossa maior glória,*
E em Seu louvor.

SOLISTA — Cada um de nós — como grão de trigo,
Como bago de uva —
Feito oblação,
Será consagrado também...

TODOS — *Será transformado em Vós*
Pela Vossa Graça.

SOLISTA — Pensai, Senhor, pela nossa inteligência,
Amai, pela nossa vontade,
Agi, com as nossas forças,

TODOS — *Vivei através da nossa vida.*

SOLISTA — E assim, dar-nos-emos às almas
Sem interesses terrenos...

TODOS — — *Em doação total.*

SOLISTA — Em busca das ovelhas tresmalhadas
— Almas que Vos desconhecem ou Vos rejeitam —
Percorreremos os caminhos desviados.

TODOS — *Como Vós, Senhor!*

SOLISTA — Procuraremos os trabalhadores
De almas rudes e mãos calejadas...
Os operários de alma insatisfeita
A quem o ruído da máquina
Não consegue abafar a ânsia de ideal.

TODOS — *Como Vós, Senhor!*

SOLISTA — Aos que estão na flor da vida
Daremos o entusiasmo
Por uma vida de nobreza e santidade.

TODOS — *Como Vós, Senhor!*

SOLISTA — Aos pobres, aos velhinhos e doentes
Sem alegria nem amparo na dor,
Apontaremos a entrada do céu,

TODOS — *Como Vós, Senhor!*

SOLISTA — Ensinaremos às crianças
Que Vós amastes com ternura,
A amar o Pai de todo o coração.

TODOS — *Como Vós, Senhor!*

SOLISTA — Para os santificarmos a todos
Sofreremos trabalhos e canseiras,
Incompreensões e dores,
Dispostos a morrer na Cruz,

TODOS — *Para maior honra e glória*
Da Santíssima Trindade!

SOLISTA — Honra e glória que juntos imploramos
Como Vós nos ensinastes:

TODOS — *Pai nosso que estais no Céu,*
Santificado seja o Vosso Nome.

SOLISTA — Venha a nós o Vosso reino.

TODOS — *Seja feita a Vossa Vontade*
Assim na terra como no Céu!

ASSEMBLEIA — AMEN! ALELUIA!

O «RUSSICUM»

Aqui está diante de vós, modesto e silencioso, o «Russicum», Seminário Pontifício onde se preparam os apóstolos da Rússia futura. Quem são eles? Que esperam eles levar ao grande povo russo, legìtimamente orgulhoso de uma tradição cristã quase milenária, das suas virtudes heróicas de caridade e misericórdia cristãs?

A hospitalidade russa é sem igual; ela conquista o coração dos próprios estrangeiros, enchendo-os de um calor até então desconhecido. A alma russa é magnânima, pondo fielmente em prática as palavras de Cristo: «Quem recebe um destes pequeninos é a mim que recebe». E esta fidelidade resplandece em muitas outras virtudes do povo, virtudes que permanecerão profundamente enraizadas enquanto durar o mundo.

Entretanto o inimigo de sempre conseguiu, por algum tempo, reduzir esta alma russa a um cativeiro babilónico de um novo tipo... Ela sofre enfraquece, e quem virá em seu socorro?

Sua Excelência Monsenhor Fulton Sheen, falando pela rádio no domingo do Grande Perdão, (segundo o rito russo, esta festa tem lugar no princípio da Quaresma) do ano Santo de 1950, afirmou: «Hoje, segundo o vosso rito, é o dia do Perdão. Neste dia preparais-vos para abandonar a atmosfera carnavalesca a fim de entrardes na Grande Quaresma alguns dias antes de nós. Vós sois um povo endurecido na austeridade. Neste dia os vossos monges pedem perdão uns aos outros; nas vossas casas, nas vossas cidades, pedis perdão a todos aqueles a quem ofendestes. Permiti-me também a mim, que, neste dia, eu vos peça perdão por ter permitido que vós estejais assim algemados nos ferros da escravidão».

O «Russicum», sendo um Colégio Pontifício, é, precisamente, chamado a ajudar o povo russo tão duramente provado.

O inimigo secular está furioso. Nas suas publicações ele grita a sua raiva contra esta modesta instituição. Donde vem tanta inquietação? Porque aqui não há canhões, nem bombardeiros, nem exércitos, nem

armada... não se encontram senão rapazes barbudos, de batina negra, pacìficamente ocupados com os estudos de filosofia e teologia na Universidade, em companhia de seminaristas de todas as nacionalidades.

Os estudantes do «Russicum» não se distinguem deles senão pelas barbas e nelas parece residir toda a sua força: simbolizam a antiga e venerável ortodoxia, reunida debaixo da direcção suprema do sucessor de S. Pedro, o Papa de Roma. É isso que o inimigo não pode suportar. Nas vastas planícies da Rússia duas concepções do mundo se entrechocam: o Cristianismo e o Anti-Cristianismo. Do desfecho deste combate gigantesco depende em grande parte o futuro do Cristianismo e da humanidade. Hoje em dia, a cada um de nós se põe o dilema inevitável: servir Cristo ou o Seu inimigo.

O futuro da humanidade não depende actualmente da qualidade das armas ou da técnica, mas sim das forças espirituais; e onde estas se levantam, o inimigo começa a recear. É por isso que atribui tanta importância a este modesto e pacífico Colégio Russo.

*
* *

O Pontifício Colégio Russo foi fundado em 1929 por Sua Santidade o Papa Pio XI. Já de lá sairam 140 sacerdotes de várias nacionalidades, do rito bizantino-eslavo. E já bastantes foram encontrar a morte gloriosa do martírio às mãos dos inimigos de Cristo.

Tal é o elevado ideal e a missão deste modesto Seminário russo. Nosso Senhor não costuma também escolher os pequeninos para as grandes empresas?

Não foi em vão que a Mãe de Deus disse em Fátima que o mundo seria salvo, graças à conversão da Rússia. Cada um que tire as conclusões práticas. Mas na situação crítica do mundo actual, devem ser horas de escutar as palavras de Nossa Senhora e de reconhecer que o ponto central da mensagem de Fátima é a conversão da Rússia e através dela a conversão do mundo inteiro.

Por isso é que o Pontifício Colégio Russo é um centro de onde irradia este movimento de Fátima.

X.

generosidade. Aliás toda a vida do Padre Carlos de Foucauld foi um exemplo dos horizontes que pode atingir o homem que se entrega totalmente à direcção da graça.

D. Yves Bossières

No dia de Santo António a Missa Solene foi celebrada pelo Abade Premonstratense da Abadia de Mondaye, o Rev. Padre Yves Bossières.

Em seguida, Sua Ex.ª Rev.ma dirigiu-nos algumas palavras oportunas. Falou do primado de contemplação sobre a acção, e dos esforços de alguns mosteiros franceses por se adaptarem às necessidades e exigências de um apostolado que tem de mergulhar as raízes na vida interior, para depois frutificar abundantemente em obras, diante de Deus e diante dos homens.

A. JORGE

DA REDACÇÃO

Durante o ano que findou deram entrada na nossa Redacção as seguintes publicações que agradecemos:

«Paroisse et Liturgie» — Abbaye de Saint-André — Bélgica.
«Liturgia» — Abadia de S. Domingos de Silos — Burgos.
«Relations» — Montréal (Canadá).
«Pax» — Beneditinos de Prinknash — Londres.
«In Altum» — Rio de Janeiro.
«Sígueme» — Salamanca.
«Oriente Cristiano» — Madrid.
«El Seminarista» — Toledo.
«Liturgia» — Mosteiro de Singeverga.
«Ao Largo» — Lisboa.
«Hospitalidade» — Telhal - Algueirão.
«Seara» — Timor.
«Vita Plena» — Seminário da Guarda».
«Cenáculo» — Seminário de Braga.
«Pasce» — Portalegre.
«Vita Nova» — Lisboa.
«Boletim da Acção Católica Portuguesa» — Lisboa.
«Alvorada» — Lisboa.
«Juventude Operária» — Lisboa.
«Natal» — Lisboa.
«Lutador Cristão» — Lisboa.

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

MÁRMORES E CANTARIAS

Pardal Monteiro, Limitada

(Casa fundada em 1888)

Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO

EM LISBOA:
Estrada de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia

O melhor que se produz e se prepara, é o que vende

A Mariazinha

Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

CASA FÂNZERES

OFICINAS DE IMAGENS, PINTURAS, DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA. RESTAUROS. PINTURAS DE TELAS E CETINS. ARTIGOS DE METAL.

RUA DO SOUTO, 134 – BRAGA

TELEFONE 2704

TRABALHO DA NAÇÃO
PARA A
ECONOMIA DA NAÇÃO

SACOR

UM ESFORÇO DIÁRIO DE
800
PORTUGUESES

S A C O R

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas
Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103
TELEFONES P. B. X. 21271-27817
LISBOA

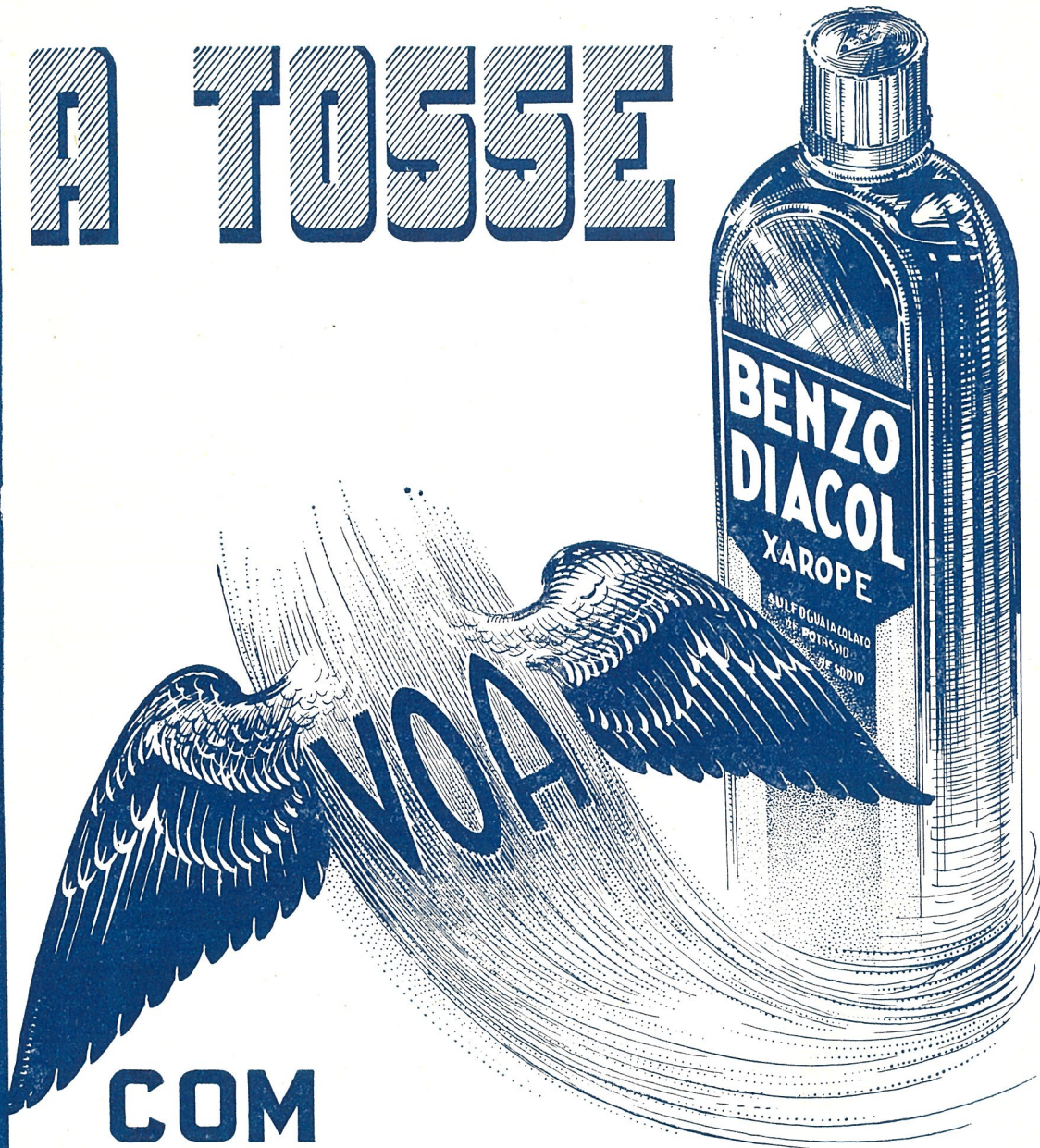


DESCONTOS AO REV.mo CLERO

A todos os nossos assinantes muito agradeceríamos a amabilidade de nos enviarem directamente o preço da assinatura, evitando-nos assim a cobrança postal que a todos exige maior despesa.

A ADMINISTRAÇÃO

A TOSSE



COM

BENZO-DIACOL